

# Relatório de Atividades

# abag

## 2021



# SUMÁRIO

**04**

Palavra do Presidente

**06**

20° Congresso Brasileiro do Agronegócio

**12**

Parcerias | Eventos

**13**

6° Congresso Nacional das Mulheres do Agro

**15**

4° Prêmio Mulheres do Agronegócio

**17**

Academia de Liderança das Mulheres do Agronegócio

**18**

Pesquisa sobre a presença feminina no agronegócio

**22**

Ranking das melhores empresas do agro em 2021

**33**

Comitês Temáticos

**42**

Presença na Mídia

**43**

O que vem por aí

**45**

Empresas Associadas

**46**

Conselho Diretor

**47**

Equipe

# **PALAVRA DO PRESIDENTE**

Há quase 30 anos, a ABAG está presente nas grandes ações disruptivas do agronegócio nacional. Quando o tema Amazônia ainda não tinha o vigor de agora, a ABAG já apoiava a moratória da soja. Quando a ótica ambiental ainda não tinha atração, a ABAG lançou o ARES (Instituto para o Agronegócio Responsável) e fez parte da construção da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura. Também foi protagonista em ações contra o desmatamento ilegal e a grilagem de terras. Defendeu o acesso à Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Participou da promoção comercial do agro e sempre esteve junto nas discussões que pautaram a aprovação do Código Florestal.

São inúmeras ações históricas, corajosas e protagonistas a serviço do Brasil. Esses três anos à frente da Presidência da entidade foram de muito aprendizado. Nesse período, tentamos pautar uma nova ação, postura e comunicação do agro. Ao ver o grande número de empresas do setor participando da COP26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), acredito que conseguimos ser parte importante desse processo de evolução. Em Glasgow, o mais salutar foi ver a coesão criada entre o setor privado e a sociedade civil. A agenda ESG veio para ficar.

O ano de 2021 foi mais um período desafiador, talvez mais no campo econômico do que no sanitário, comparado com 2020. Mesmo com tantas restrições, avançamos em algumas pautas. Sou otimista no longo prazo, apesar de entender que já estamos emprestando do futuro boa parte de nossa capacidade de investimento e de nossa poupança nacional. As decisões fiscais e econômicas adotadas em 2021 e a inação nas reformas de Estado nessa última década trarão malefícios duradouros. Mas o agro nacional já se acostumou com esse lamentável caos administrativo e cresceu apesar disso.

O ano de 2022 será crucial para o Brasil em relação à pavimentação de seu futuro dos pontos de vista econômico, de relações internacionais e do meio ambiente. No agro, temos uma única certeza: o preço das *commodities* sobe e cai. No momento em que ocorrem esses eventos cíclicos, o perfil da atuação mundial muda. Hoje, os países estão comprando a qualquer preço, de qualquer local, mas quando essa situação se inverter, quando as nações precisarem vender seus produtos, serão necessárias três coisas: integridade, confiabilidade e transparência. Caso contrário, não será possível acessar os mercados centrais.

O Brasil precisa trabalhar com urgência o critério G (Governança), da sigla ESG. Esse é o nosso maior problema. É importante saber qual o modelo de governança que o país irá adotar para realmente se tornar líder global em muitas áreas e explorar todos os seus potenciais competitivos. A largada foi dada em Glasgow.

Nossos maiores competidores nesse mundo digital são as disruptões que ocorrerão no mercado consumidor, fruto da melhoria contínua exigida pela própria sociedade e pautada na boa ciência. Resolvido o problema do atual desastre amazônico protagonizado pelo desmatamento ilegal, grilagem e garimpo ilegal, tudo patrocinado pelo alto escalão da criminalidade, seremos imbatíveis, pois somos a maior potência “Agroambiental” do planeta.

Aqui me despeço e agradeço a oportunidade que tive de estar à frente dessa entidade admirável e que continuará o seu compromisso de defender o agro brasileiro e o estado democrático e de promover a integração entre as cadeias produtivas. Saúde a todos!

Marcello Brito, presidente do Conselho Diretor (gestão 2019/2021)



# 20º CONGRESSO BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO

# NOSSO CARBONO É VERDE

O Brasil tem tudo: agroambiente, água, floresta e pessoas. Por isso, o agronegócio é a solução para mudanças climáticas e para mitigação de emissões de carbono no país. Essa foi uma das conclusões do 20º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), realizado pela ABAG, em parceria com a B3, A Bolsa do Brasil, no dia 2 de agosto de 2021. Considerado um dos eventos mais relevantes do agro nacional, reuniu mais de 8 mil participantes de 24 países, que puderam acompanhar importantes debates sobre o tema central do encontro: Nosso Carbono é Verde.

**+8MIL**

pessoas acompanharam  
o evento totalmente  
*on-line*



”

“Precisamos recuperar nosso protagonismo na agenda agroambiental. Somos um país com florestas, que são mantidas também pelos agricultores, que devem ser remunerados por essa proteção. Desse modo, o Brasil é o domicílio preferencial do carbono verde do mundo, portanto o que nos cabe é usar nossa inteligência e manter nossas boas relações. Precisamos de união: antes e depois da porteira”, resumiu **Marcello Brito**, presidente do Conselho Diretor da ABAG.

Nesse cenário, o embaixador **Marcos Azambuja**, conselheiro emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), observou que o Brasil está em outro nível de inserção internacional graças à qualidade e à criatividade do seu agronegócio. O setor mais certo, portanto, é o da produção de tecnologia alimentar, respeitando as condições do meio ambiente. Enfatizou a importância do cuidado ambiental não porque outros países querem, mas em benefício de todos os brasileiros. “O meio ambiente brasileiro é do Brasil”, resumiu.



*Carlos Augusto Rodrigues de Melo; Malu Nachreiner; Elizabeth Farina, embaixador Marcos Azambuja (no telão) e o jornalista William Waack*

Para **Malu Nachreiner**, presidente da divisão Crop Science da Bayer no Brasil, o país precisa participar da pauta global relacionada à sustentabilidade e ao mercado de carbono. “Devemos ter um lugar à mesa nas discussões de regulamentação desse mercado. Há muita coisa para descobrir, além da implantação de uma metodologia para que o agricultor realmente possa ser remunerado.” Em sua opinião, essa regulamentação é imprescindível, porque o país possui uma agricultura tropical, diferente das nações do Hemisfério Norte, o que pode trazer uma desvantagem competitiva para o setor. Ela citou, como exemplo, a adoção do plantio direto pelos americanos, que melhora o saldo do carbono sequestrado, enquanto no Brasil, onde a prática é bastante comum, o resultado acaba sendo pequeno.





**Elizabeth Farina**, diretora-executiva da WRI Brasil, concordou com Malu que o Brasil pode ter desvantagem porque começou primeiro a implantação de práticas sustentáveis. Se houver, porém, a produção de boa informação, ou seja, métricas e de indicadores para quantificar as ações e comprovar os resultados de proteção ambiental, essa desvantagem pode ser revertida. Ela ponderou ainda que a estratégia de mudança climática é um projeto de desenvolvimento para um país. Por isso, o Brasil deveria chegar com metas estabelecidas na COP26. “O Brasil precisa fazer parte desse debate, construindo o mercado com regras e com a participação dos agentes da oferta e da demanda”.

Segundo **Carlos Augusto Rodrigues de Melo**, presidente da Cooxupé, o agronegócio brasileiro é forte, desenvolvido e sustentável, e conseguirá superar os desafios impostos pelas mudanças do mercado internacional e pelo crescimento populacional. A seu ver, o país possui estratégias inovadoras e condições de atender à expansão mundial de consumo, tendo em vista seu potencial em clima, solo e topografia. Além disso, o mundo tem demandado qualidade, ESG, sustentabilidade e a participação de famílias de pequenos produtores. “Se o país demonstrar realmente que possui todas essas condições, estaremos na frente.”

# CONCILIAR PRODUÇÃO, CRÉDITO, TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

O desenvolvimento de uma agenda agroambiental passa também pela oferta de mecanismos de financiamento, investimento e crédito. Assim, **Otávio Ribeiro Damaso**, diretor de Regulação do Banco Central do Brasil, enfatizou em seu depoimento no painel *Brasil Verde e Competitivo* a realocação dos fundos internacionais para projetos e empreendimentos que atendam aos critérios de sustentabilidade, com os componentes social, ambiental e climático. Ele afirmou, ainda, que esse cenário representa uma grande oportunidade para o desenvolvimento e investimento na economia, especialmente no agronegócio. Assim, o produtor rural e a sociedade brasileira devem olhar essa tendência e aproveitá-la para ampliar seus negócios.

**Carolina da Costa**, sócia da Mauá Capital, analisou que é preciso escalar essas iniciativas que conciliam a produção agropecuária, produtividade, tecnologia e sustentabilidade. E, para isso, são necessários crédito, educação e assistência técnica. Desse modo, o grande desafio está na coordenação. “Nosso carbono não terá o destaque e não desenvolverá seu potencial se não houver um projeto de produção, alinhado com investimento, educação e embasado em indicadores de verificação”, frisou. Para ela, trabalhar a integração das cadeias produtivas é outro fator importante para que todos os *players* entendam que essas tecnologias trazem outros benefícios, além da conservação ambiental, como produtividade, ganhos financeiros e de reputação.

Para **Sérgio Vale**, economista-chefe da MB Associados, o projeto é essencial também no setor público e, infelizmente, o Brasil está com dificuldade de gerar um plano para o crescimento da produtividade na economia brasileira, devido ao atraso da educação nacional. Ele comentou a piora da dificuldade macroeconômica, o deterioramento da questão fiscal e os sinais pouco positivos para o ano de 2022. Sobre o mercado do carbono, ressaltou a importância da realização da COP26 para a definição de ações concretas para alcançar as metas para 2050, incluindo o valor do carbono, que hoje está em cerca de US\$ 3 por tonelada e deveria estar em US\$ 75 por tonelada.

**Fábio Zenaro**, diretor de Produtos Balcão e Novos Negócios da B3, citou o potencial da emissão de títulos com temática ESG. Atualmente, são 24 debêntures, 15 CRAs, 2 CRI e 4 cotas de fundos fechados, com valor de cerca de R\$ 12 bilhões. Ele também avaliou que as empresas estão mais engajadas na temática ESG e que existe uma mudança de comportamento do investidor institucional e de pessoa física, que, além da remuneração, têm procurado propósito. Outro ponto trazido por ele foi a importância de haver regras relevantes em relação aos critérios ESG. Caso contrário, o cenário não se manterá ao longo do tempo.

# INICIATIVA PRIVADA TEM PAPEL DE PROTAGONISMO EM SUSTENTABILIDADE

O 20º Congresso Brasileiro do Agronegócio trouxe, ainda, o papel da iniciativa privada nas questões de sustentabilidade e do mercado de carbono. No painel *Energia Limpa e Sustentável*, **Ricardo Mussa**, CEO da Raízen, falou sobre a maior demanda de sustentabilidade e o potencial do setor sucroalcooleiro para atender a essas necessidades, com o etanol da segunda geração, a cogeração da bioeletricidade e o biogás. Ele ainda ressaltou o papel do etanol na transição energética por emitir menos gases de efeito estufa e pela possibilidade de uso, por exemplo, em motor a célula de combustível a hidrogênio.

De acordo com **Solange Ribeiro**, presidente adjunta da Neoenergia, a prática ESG é uma oportunidade, e a iniciativa privada tem papel de protagonismo, uma vez que a melhor forma de descarbonização é eletrificar a economia. E o Brasil tem uma grande vantagem por ter 80% de matriz renovável. “Qualquer produto fabricado aqui é feito com 80% de energia renovável”, ponderou. A seu ver, se as companhias querem seguir suas trajetórias daqui a 30 anos, é preciso priorizar essa questão, ou seja, a sustentabilidade deve ser parte da estratégia da empresa. “Aqueles que não colocarem efetivamente em seus balanços as informações sobre conservação ambiental, participando dessa transformação, não estarão aqui”, asseverou.

Nesse sentido, o objetivo da JBS é ter zero emissões até 2040. Por isso está investindo mais de US\$ 1 bilhão nessa transformação. **Gilberto Tomazoni**, CEO global da JBS, ressaltou como as mudanças climáticas estão afetando a vida e a produção agrícola e como o Brasil tem um grande potencial para acelerar esse processo de mudança no agro.

Em sua avaliação, a Integração Lavoura, Pecuária e Floresta, ao invés de emitir carbono, sequestra esse carbono, além de permitir um crescimento de cerca de 40% na produção de alimentos em uma mesma área.

Ele enfatizou a importância de dar escalabilidade em métodos de produção sustentáveis para que os produtores rurais de todo o país sejam beneficiados por elas. A empresa decidiu investir US\$ 100 bilhões para desenvolvimento de pesquisas, tecnologias e inovação para possibilitar essa aceleração.

**Antonio Roberto Cortes**, presidente e CEO da Volkswagen Caminhões, falou do caminhão elétrico E-Delivery, produzido no Brasil, que atende às demandas para redução da pegada de carbono, além de utilizar energia eólica para sua recarga. A seu ver, há espaço para a aplicação de diversos tipos de tecnologia para diminuir ou zerar as emissões de carbono, mas é importante que haja políticas públicas ou questões regulatórias para incentivar a produção de veículos sustentáveis. Ele alertou sobre a necessidade de diminuir a idade da frota de veículos comerciais no país, isto é, renovar com caminhões mais eficientes.

A solenidade de abertura teve os pronunciamentos do CEO da B3, **Gilson Finkelsztain**; da ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, **Tereza Cristina**; do ministro da Infraestrutura, **Tarcísio Gomes de Freitas**; do secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, **Itamar Borges**; e do deputado federal **Sérgio Souza**.

O 20º Congresso Brasileiro do Agronegócio homenageou o ex-ministro **Alysson Paolinelli**, indicado ao Nobel da Paz 2021. A ministra **Tereza Cristina** recebeu o Prêmio Ney Bittencourt de Araújo – Personalidade do Agronegócio. Já o Prêmio Norman Borlaug – Sustentabilidade foi entregue à **Celso Moretti**, presidente da Embrapa.

**AGRO BRASILEIRO É A SOLUÇÃO PARA MITIGAR AS EMISSÕES DE CARBONO E PARA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DO PAÍS.**



# PARCERIAS E EVENTOS

# VALORIZAÇÃO DA MULHER NO AGRO

## 6º CONGRESSO NACIONAL DAS MULHERES DO AGRO

### TEVE RECORDE DE PÚBLICO ON-LINE.

OCNMA (Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio) aconteceu em formato digital pela segunda vez e chegou à sua sexta edição. Graças à tecnologia, o Congresso teve o maior público de todos os anos. Contou com quase 3 mil participantes de todo o Brasil e mais de 70 palestrantes, que apresentaram diversos painéis, nos quais os temas principais ficaram em torno de tecnologias, gestão, inovação, sustentabilidade e a COP26. O Congresso foi realizado de 25 a 27 de outubro de 2021.

No primeiro painel, Marcello Brito chamou a atenção para a importância da China, principal parceira comercial do Brasil, e para a nossa dependência da gigante asiática. "Temos que cuidar muito bem desse relacionamento. É preciso entender a China, conhecer a cultura dos chineses, para entender o futuro." Ele ainda citou um estudo sobre os *millennials* chineses, apontando o quanto eles se preocupam com o meio ambiente. "Temos que nos atentar a isso. Esse comportamento mostra o caminho que precisamos seguir, já que esses *millennials* chineses será os futuros decisores no mundo", conclui.

Praticar um agronegócio sustentável se torna urgente. Tem sido uma cobrança dos consumidores e da sociedade. Mas, para alcançar esse objetivo, os painelistas alertaram para a necessidade de combater primeiro os problemas internos no país. A começar pelos 27 milhões de brasileiros que hoje se encontram abaixo da linha da pobreza. Isso vai contra a imagem de pioneirismo e de liderança do Brasil quando se fala em segurança alimentar mundial. Eles destacam que o desmatamento ilegal torna o país e o agro alvos de críticas.

A abertura do evento contou com a presença da ministra Melanie Hopkins, conselheira da Embaixada do Reino Unido no Brasil. Segundo ela, o Reino Unido está engajado em conectar os investidores do setor privado aos programas para o desenvolvimento econômico verde. "Quando falamos de adaptação e mitigação, a agenda do uso de tecnologias de produção sustentáveis na revisão do plano de agricultura de baixo carbono é uma sinalização muito importante dos compromissos que o Brasil está assumindo. Esses compromissos dão amparo e contribuem diretamente para o alcance das metas nacionais de redução de emissão de gases poluentes."



**+ 3 MIL**  
de todo o Brasil

**+ 70**  
palestrantes



O evento foi marcado pela presença de grandes empresas em discussões importantes para o setor, entre elas gestão sustentável e inovação. Não por acaso, o congresso contou com uma série de variáveis e tecnologias consideradas disruptivas e que chamaram a atenção das gestoras de fazendas, a maior parte do público do CNMA, porque apontam para um futuro sem volta.

Segundo Renata Camargo, gerente de novos negócios do Transamerica, em 2022 o Congresso volta ao seu formato original, com a presença dos convidados no Expo Transamerica. Mais: o congresso deverá ser internacional. “Embora a nomenclatura do congresso dê o enfoque nacional, a gente quer que ele cresça internacionalmente, porque a atuação da mulher no agro lá fora já é muito grande.”





## CONHEÇA AS VENCEDORAS DO 4º PRÊMIO MULHERES DO AGRO

*Nove produtoras rurais que se destacam pela excelência em gestão inovadora e sustentável foram reconhecidas nas categorias pequena, média e grande propriedade.*

A premiação, idealizada pela Bayer em parceria com ABAG, ocorreu durante o segundo dia do 6º CNMA e reconheceu nove produtoras rurais de pequenas, médias e grandes propriedades, por suas práticas sustentáveis no campo.

O interesse das produtoras rurais em contarem suas histórias vem aumentando a cada ano: a 4ª edição do Prêmio Mulheres do Agro atingiu a marca de 137 inscrições e, desde que foi criada, em 2018, quase 700 mulheres contaram suas histórias nessa iniciativa que já reconheceu o trabalho de 36 agricultoras e pecuaristas de várias regiões do Brasil.

De acordo com Gislaine Balbinot, gerente de Comunicação da ABAG, a premiação é uma oportunidade de conhecer histórias de luta, superação e de muito trabalho de produtoras rurais que merecem todo o nosso respeito e a nossa admiração. “Queremos, ano após ano, inspirar mais mulheres a se sentirem motivadas para contarem e escreverem suas histórias”, destacou.

“Na Bayer, acreditamos que a inclusão e a diversidade são fundamentais para a resolução de problemas e para a inovação no campo, uma vez que diferentes perspectivas e visões podem contribuir para produções mais sustentáveis e rentáveis. Por essa razão, assumimos, como nossa missão coletiva, a promoção de uma agropecuária mais diversa e inclusiva”, disse Daniela Barros, diretora de Comunicação Corporativa da Bayer para a divisão Crop Science Brasil.

As empreendedoras rurais que se classificaram nos três primeiros lugares do 4º Prêmio Mulheres do Agro foram protagonistas em suas regiões (Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) por suas gestões inovadoras que vão desde pecuária e aquacultura a grãos de soja, milho, trigo, café e cana-de-açúcar.



[www.premiomulheresdoagro.com.br](http://www.premiomulheresdoagro.com.br)

# AS VENCEDORAS DE 2021

## PEQUENA PROPRIEDADE



**1°** **MARCIA  
KAFENSZOK**  
TIBAU DO SUL, RIO GRANDE  
DO NORTE



**2°** **LAURA MOURA  
MONTANS**  
BATATAIS, SÃO PAULO



**3°** **IALA GOMES DOS  
SANTOS**  
MONTE CARMELO, MINAS  
GERAIS

## MÉDIA PROPRIEDADE



**1°** **LILIANE  
CARAMÓRI**  
UNAÍ, MINAS GERAIS



**2°** **ELEONORA MARIA  
MONNERAT ERTHAL**  
BOM JARDIM, RIO DE  
JANEIRO



**3°** **FABÍOLA  
MAGALHÃES**  
RIO VERDE, GOIÁS

## GRANDE PROPRIEDADE



**1°** **ERIKA MARINA  
URBAN**  
PATOS DE MINAS,  
MINAS GERAIS



**2°** **TABATA  
STOCK**  
GUARAPUAVA, PARANÁ



**3°** **IDA BEATRIZ  
MACHADO**  
CÁCERES, MATO GROSSO



# ACADEMIA DE LIDERANÇA PARA MULHERES DO AGRO CONCLUI TERCEIRA TURMA

A ABAG, a Corteva Agriscience e a Fundação Dom Cabral estão comprometidas em acelerar o desenvolvimento das mulheres rurais, estimulando a formação das futuras líderes do setor. E foi com esse propósito que nasceu a Academia de Liderança para as Mulheres do Agronegócio.

No final de novembro, as 166 participantes da turma de 2021 celebraram, por meio de um evento 100% *on-line* e interativo, a sua formatura no projeto de capacitação. Ao todo, 354 mulheres já passaram pela Academia.



*Evento de encerramento para Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio contou com show ao vivo*

“O reconhecimento do papel da mulher no agronegócio é uma bandeira que a Corteva levanta globalmente. Por meio da Academia, colaboramos para que essas mulheres ganhem maior visibilidade no setor e conquistem seus espaços”, comenta Rosemeire dos Santos, gerente de Relações Governamentais da Corteva Agriscience no Brasil.

A Corteva idealizou o projeto a partir dos resultados de uma pesquisa realizada em 2018. Na época, foram ouvidas mais de 4 mil produtoras rurais, em 17 países – sendo 500 entrevistadas no Brasil – para entender as barreiras que impedem as mulheres de terem uma participação real e bem-sucedida no setor. Entre as brasileiras que responderam à pesquisa, 89% gostariam de ter acesso a treinamentos e 87% sinalizaram almejar uma formação acadêmica.

A primeira turma foi formada em 2019 com 20 participantes. Naquele mesmo ano, o programa envolveu 2.500 mulheres por meio de eventos e *workshops*. Em 2020, esse número mais que triplicou, e o programa contou com a participação de 150 mulheres, em um curso 100% *on-line*.

O objetivo da Academia é dar ao grupo um repertório (de ferramentas), impulsionar a presença feminina no setor e estimular cada vez mais o protagonismo feminino. Ao longo dos quatro módulos do curso, as agricultoras aprendem habilidades de liderança, economia e mercado agrícola, cenário político e os seus impactos no agronegócio, inovação e sustentabilidade.

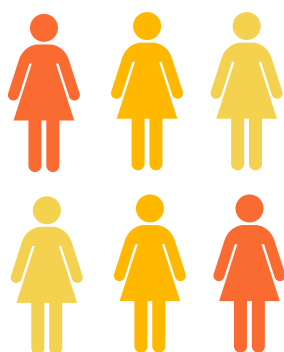
E em continuidade ao trabalho que vem sendo feito, a ABAG, a Corteva e a Fundação Dom Cabral confirmaram a realização de uma nova turma, a partir de fevereiro de 2022.

# ABAG PARTICIPA DE PESQUISA DO MOVIMENTO AGROLIGADAS SOBRE A PRESENÇA FEMININA NO AGRONEGÓCIO

*Levantamento com mais de 400 mulheres contou com apoio da ABAG, da Corteva e do Sicredi, mostrando que, apesar da visibilidade e importância do setor, ainda há espaço a ser conquistado e consolidado pelas mulheres.*

Seguindo com apoio às diversas iniciativas de valorização da mulher que trabalha no campo, a ABAG decidiu ser parceira da pesquisa conduzida pelo movimento Agroligadas – entidade formada por mulheres profissionais do agronegócio. A pesquisa, que também conta com a parceria da Corteva Agriscience e do Sicredi, visa entender os avanços e desafios envolvendo as mulheres no agro brasileiro.

O estudo ouviu 408 mulheres que atuam no setor, com média de idade de 40 anos, de Norte a Sul do país, trazendo dados importantes sobre a participação feminina no agro. A pesquisa foi lançada em 13 de outubro, mês em que se celebra o “Dia Internacional da Mulher Rural”, data estabelecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para ressaltar a importância das mulheres no campo.



408 MULHERES  
DO SETOR

IDADE MÉDIA  
DE 40 ANOS



DE TODO BRASIL

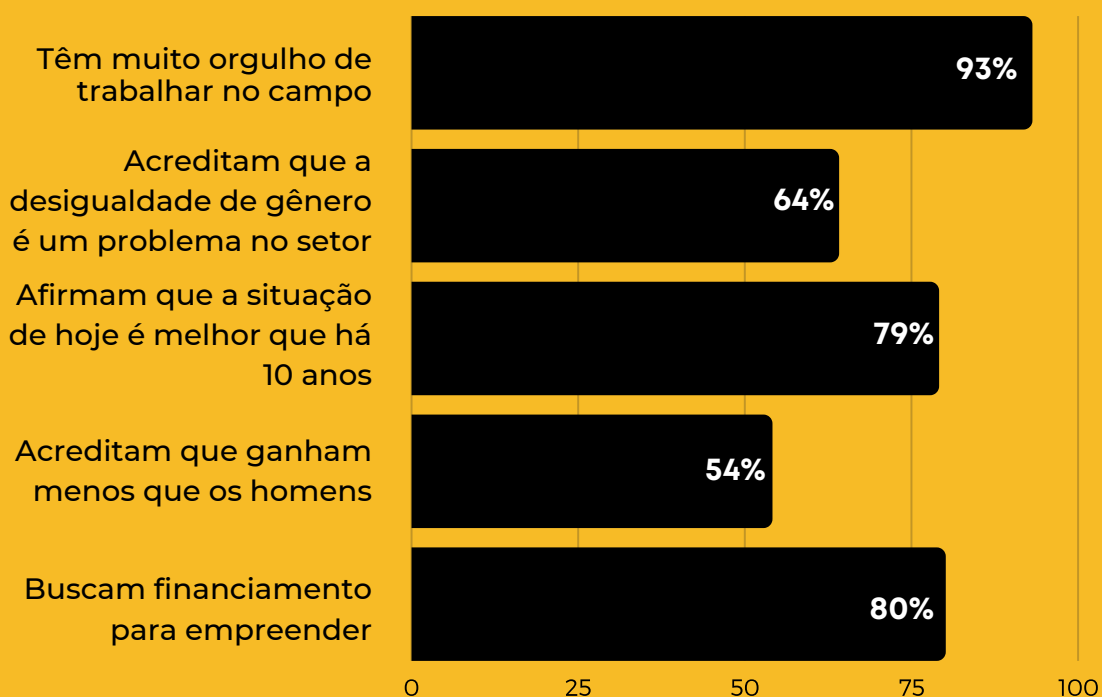
“Há tempos, a figura da mulher no agro deixou de ser secundária. Aquela pessoa que apenas apoiava o marido na atividade rural deu lugar à proprietária que faz a gestão da sua produção de ponta a ponta. No entanto há barreiras que precisam ser conhecidas por toda a sociedade para que, assim, possam ser enfrentadas e sanadas. E essa é a importância da pesquisa”, diz Geni Caline, presidente da Agroligadas.

# ORGULHO, DESIGUALDADE E ACESSO AO CRÉDITO

De acordo com o levantamento, 93% das brasileiras têm muito orgulho de trabalhar no campo ou na indústria agrícola. Quando o assunto é desigualdade de gênero, porém, 64% das entrevistadas acreditam que esse problema cerca a cadeia do agronegócio, mesmo 79% afirmando que a situação de hoje é melhor que há 10 anos.

Para 21% das entrevistadas, há otimismo, e essa igualdade deverá chegar ao agronegócio em menos de 10 anos. Para que isso possa acontecer, 90% dizem que é necessário dar visibilidade aos projetos de sucesso, aumentar a capacidade de treinamento e ter acesso ao crédito de forma igualitária, para que os investimentos em maquinários, processos e capacitação de profissionais possam seguir na mesma proporção que os dos homens.

Um ponto que chama a atenção é que 54% das mulheres acreditam que ganham menos que os homens, ainda que a desigualdade de gênero tenha diminuído na opinião das entrevistadas. O acesso a financiamento – importantíssimo para todo produtor ou produtora rural – é mais um gargalo. Do ponto de vista de igualdade de confiança do setor financeiro para aquisição de linhas de crédito, apesar de 49% das mulheres dizerem ter as mesmas facilidades, um terço ainda afirma ter menos acesso que os homens. Oitenta por cento das mulheres buscam financiamento para empreender. “Para o Sicredi, estudos como esse são importantes para mostrar o cenário atual desse segmento produtivo, que ganha cada vez mais espaço no agro brasileiro”, aponta Marilucia Dalfert, gerente de crédito rural do Sicredi.



# ACESSO À TECNOLOGIA AUMENTOU DURANTE A PANDEMIA

Quando o tema é tecnologia, percebe-se nitidamente um avanço no uso de novas soluções proporcionado pela adoção do trabalho a distância, já que 41% das mulheres ligadas à produção rural atuam em centros urbanos, sendo que 66% delas dizem ter acesso suficiente à tecnologia para execução de seus trabalhos.

Ao refletirem sobre as preocupações atuais das mulheres na produção rural, 95% delas prezam o bom desempenho dos negócios. Em tempos de pandemia e de instabilidade econômica, manter-se firme e atuante no mercado se tornou um dos maiores desafios para as entrevistadas, seguido por estabilidade financeira (93%), realização profissional (92%) e futuro dos filhos (83%).

# 95%

Prezam o bom desempenho dos negócios.

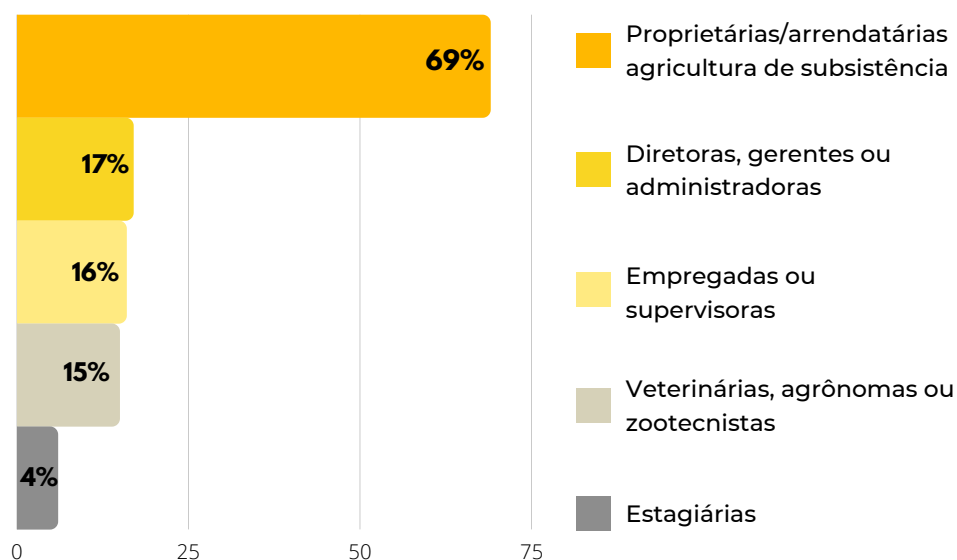
Esse olhar de cuidado é percebido também quando são questionadas sobre o que esperam para sua rotina de trabalho e para sua vida pessoal e familiar em um futuro próximo. Para 95%, melhorar a capacitação profissional está entre as principais prioridades; 90% querem aumentar a capacidade produtiva de suas propriedades; já 82% das entrevistadas sonham ter mais tempo para si próprias.

Conquistar espaço e confiança no ambiente de trabalho é um desafio da mulher contemporânea, independentemente se ela vive no campo ou na cidade.

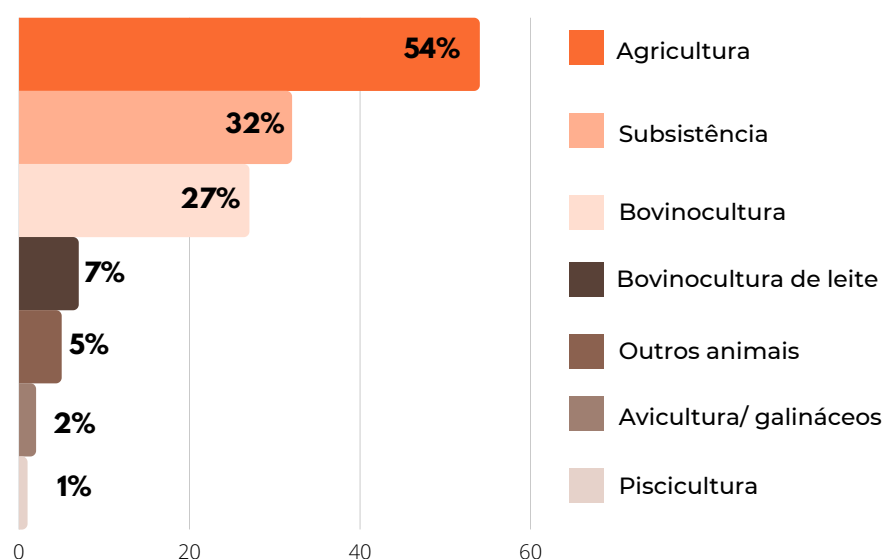
“No meio rural, apesar de o preconceito ser mais evidente, as mulheres vêm quebrando essas barreiras com muita rapidez e conquistando espaços até então ocupados apenas pelos homens. A natureza feminina multifacetada é acolhedora, protetora e sempre preocupada com o bem-estar de todos à sua volta. Esse é um diferencial bastante perceptível nos dados da pesquisa”, destaca Gislaine Balbinot, gerente de Comunicação da ABAG.

# PERFIL DAS ENTREVISTADAS EM 2021

Com realidades distintas, o levantamento trouxe:



No que diz respeito ao tipo de produção, a pesquisa aponta que:



Do total de entrevistadas, 41% delas possuem pós-graduação, 29% superior completo, 8% superior incompleto, 11% ensino médio completo, 6% ensino fundamental.

A maioria (63%) das entrevistadas mora na zona urbana, e 34% vivem na zona rural.

Vivian Bialski, diretora de Comunicação da Corteva para América Latina, diz que a Corteva tem promovido a capacitação da mulher rural por meio da Academia de Liderança de Mulheres do Agronegócio, entre outras tantas ações, dando mais visibilidade ao tema para sensibilizar todo o setor.

# RANKING DAS MELHORES EMPRESAS DO AGRO EM 2021

Levantamento feito pela Great Place to Work (GPTW), consultoria global responsável pela metodologia e pesquisa, ranqueou 30 companhias vistas como as que têm ambiente de trabalho mais favorável. AABAG e a *Revista Globo Rural* são parceiras do ranking das melhores empresas para trabalhar no agro brasileiro.

Nesta edição, houve aumento de 11% no número de inscritos. Segundo a GPTW, 123 empresas do setor foram avaliadas. O ranking final traz as empresas que obtiveram a maior pontuação em todos os itens avaliados em três categorias, conforme o porte de cada organização (pequena, média ou grande). Para participar, as empresas precisam ter, no mínimo, 30 funcionários registrados e um CNPJ de empresa agropecuária.

A avaliação funciona em duas etapas. Na primeira fase, os funcionários respondem a um questionário sem a necessidade de se identificar. Na segunda fase, os técnicos da GPTW avaliam se as práticas adotadas pelas companhias com as pessoas estão alinhadas com o mercado de trabalho atual. São também levados em consideração, por exemplo, programas que valorizem e desenvolvam a diversidade e a inclusão, e promovam o bem-estar dos colaboradores no ambiente de trabalho.

Um dos maiores desafios do setor diz respeito à diversidade de gêneros dentro das empresas. As mulheres representam 28% da força de trabalho entre as mais bem colocadas no último ano, os homens são 72%. Em cargos de presidência, o resultado é ainda mais desigual: das 30 companhias ranqueadas, apenas uma tem uma mulher no cargo mais alto dentro da corporação.

O maior percentual de mulheres é observado nos cargos de média liderança (23%) – ainda assim, os homens predominam (77%).

## Conheça as empresas ganhadoras:

### GRANDES

- Caterpillar
- Usina Alta Mogiana
- Cresol
- 3Corações
- SLC Agrícola
- C. Vale Cooperativa Agroindustrial
- Integrada Cooperativa Agroindustrial
- Jalles Machado
- CerradinhoBio
- Sicoob Credicitrus

### MÉDIAS

- Amêndoas do Brasil
- Remasa Reflorestadora
- Nutrilite
- Grupo Otávio Lage
- Gavilon do Brasil
- Moinho Globo
- Vetnil Industria e Comércio de Produtos Veterinários
- Grupo Tec Agro
- Prodap
- Canex Exportação

### PEQUENAS

- Barenbrug Brasil Sementes
- Grupo Morena
- Agro Informática
- Grupo José Pessoa
- Espaço Agrícola
- Amvac do Brasil
- Agroinsumos Comercial Agrícola
- Rotam do Brasil Agroquímica e Produtos Agrícolas
- Bugio Tratores
- Grupo Difere



## MAIS DE 600 LÍDERES GLOBAIS PARTICIPARAM DA 2ª WORLD AGRI-TECH SOUTH AMERICA SUMMIT

Em junho de 2021, aconteceu de forma virtual a 2ª World Agri-Tech South America Summit, que contou com a participação de mais de 600 líderes globais de toda a cadeia de inovação agroalimentar, trazendo para o debate importantes temas relacionados ao setor.

A ABAG apoiou o evento sul-americano. Entre os principais assuntos abordados por especialistas estavam: conectividade; novas plataformas digitais de gestão agrícola para impulsionar a lucratividade do produtor rural; proteção biológica de colheitas; interoperabilidade de dados; fintechs; investimentos sustentáveis; transparência na cadeia de suprimentos; estratégias e tecnologias para evitar o desperdício de alimentos em grande escala; aceleração do investimento no setor de tecnologia sul-americano; inovação corporativa; e sistemas de plantio mais inteligentes.

Ao longo de dois dias, os profissionais participantes tiveram a oportunidade de interagir com outros *players* do mercado e adquirir conhecimento e informações de operadores agrícolas, especialistas do setor de fabricantes de equipamentos, *startups* e investidores, recebendo um panorama de como a indústria agroalimentar da região obteve crescimento, mesmo em um período de pandemia.

# BW TALKS CONEXÃO EUROPA COP26

A COP26 - Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021, realizada em Glasgow (Escócia), entre os dias 31 de outubro e 12 de novembro, apresentou resultados positivos no que tange ao setor empresarial e à sociedade civil, que trouxeram um discurso alinhado e afinado para alterar o atual panorama do aquecimento global. "Foram anunciados muitos investimentos por parte da iniciativa privada, com vários programas que estão sendo executados ou serão implementados no mundo inteiro. É uma agenda que chegou para ficar", ressaltou o presidente do Conselho Diretor da ABAG, Marcello Brito, durante o BW Talks Conexão Europa COP26, promovido no dia 18 de novembro.

Brito, que esteve na COP26 representando o agronegócio brasileiro juntamente com empresários e presidentes de importantes companhias, representantes de organizações sociais e de entidades setoriais, afirmou que o agro organizado deu sua contribuição ao participar de painéis, expor suas opiniões e ouvir investidores e consumidores. "É assim que devem ser conduzidas as relações internacionais", pontuou.

Segundo o presidente da ABAG, o governo brasileiro também surpreendeu positivamente os participantes da COP26, com uma mudança de postura e o anúncio de novas metas para redução das emissões de carbono e de metano. Em sua avaliação, a entrada do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento no grupo organizador da equipe brasileira forneceu uma visão mais aberta sobre o mundo e sobre os consumidores, resultando nessa participação muito boa do país.

Por outro lado, mesmo tendo chegado a um acordo sobre o artigo 6 do Acordo de Paris, que trata dos instrumentos para a criação de um mercado global de carbono, Brito ponderou que os resultados da COP26 foram aquém do necessário, mas melhores do que o esperado. A seu ver, o principal ponto fraco do evento foi a questão do financiamento dos países ricos para mitigação dos efeitos das mudanças climáticas.

**O BW Talks Conexão Europa COP 26 está disponível no [site oficial](#) do Movimento BW.**

Durante o evento *on-line* do Movimento BW, iniciativa da Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração (Sobratema), o presidente do Conselho Diretor da ABAG comentou a importância da expressiva participação de jovens e de mulheres de diversos países na COP26 e a necessidade de o Brasil fortalecer as relações exteriores, uma vez que a maior parte do consumo virá da Ásia, enquanto a Europa e os Estados Unidos continuarão a criar tendências de mercado e a reter o maior capital de financiamento.

Para Brito, é preciso agir agora para conter o aquecimento global, caso contrário, a situação será pior a cada dia. "O número de eventos extremos é quatro vezes maior do que há quatro décadas", enfatizou. E o agronegócio é diretamente impactado pelas mudanças climáticas. "Não tenho dúvida de que, no final desta década, o Brasil estará competindo pela liderança global de alimentos, mas precisamos sanar alguns problemas, como conter o desmatamento ilegal na Amazônia", reforçou Brito, que acrescentou que esse bioma regula o ciclo de chuvas do Centro-Sul e, se o processo de degradação crescer, o país estará prejudicando um ponto de sua estabilidade: o agro.

Ele discorreu ainda sobre a importância de concluir o Código Florestal, que trabalha três pilares essenciais de acesso aos mercados: integridade, credibilidade e transparência. "A rastreabilidade foi o item mais debatido na COP26. Os países estão afunilando o campo de pressão sobre esse tema, querendo saber de onde vêm os produtos brasileiros, se por acaso eles são oriundos de áreas de desmatamento", finalizou.





# AGRO EXPERIENCE: EVENTO ABORDOU OS DESAFIOS DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL

*O encontro on-line debateu o atual cenário de inovação, sustentabilidade e comunicação no setor.*



*Jornalista Lilian Munhoz entrevista o presidente da ABAG, Marcello Brito*

Mesmo com aumento no custo de produção, crise hídrica e pandemia, o agronegócio proporcionou excelentes resultados para a economia nacional. Para tratar de desafios e oportunidades, foi realizado em setembro o Agro Experience 2021, um evento *on-line* e gratuito que contou com a parceria da ABAG, Andav (Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários), CNC (Conselho Nacional do Café), SRB (Sociedade Rural Brasileira), Abraleite (Associação Brasileira dos Produtores de Leite) e GTPS (Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável).

Entre outros temas, foram discutidos os meios de aumentar a produtividade e diminuir custos na produção agropecuária. Os participantes tiveram acesso a conteúdo exclusivo sobre gestão, planejamento, finanças e conectividade e foram beneficiados com o programa especial de indicação, acumulando pontos para ter acesso a mais conteúdo.

Com a curadoria e apresentação da jornalista Lilian Munhoz, apresentadora do Canal Terraviva, o evento chegou à sua segunda edição com uma programação que contou com ambiente de fazenda em realidade virtual, com produção agrícola e pecuária em um cenário que lembra a sustentabilidade do setor, destacando a importância dos avanços que o agro vem conquistando nos últimos anos.

O Agro Experience é assinado pela TD, empresa líder na produção de eventos *on-line* no Brasil, que tem em seu portfólio a Money Week, um dos principais eventos do mercado financeiro do Brasil.

# DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO

A ABAG E OUTRAS ENTIDADES DO SETOR PROMOVERAM UM WEBINAR PARA DISCUTIR O TEMA

Comemorado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 16 de outubro, o Dia Mundial da Alimentação em 2021 teve ainda mais significado, tendo em vista o período dramático da pandemia de covid-19 e suas variantes.

Como importante protagonista desse setor no mundo, cabe ao Brasil enaltecer o significado desse dia. Para isso, a ABAG e outras entidades do setor promoveram um *webinar* para discutir o tema e reuniram importantes personalidades dos setores público e privado.

Para Rafael Zavala, representante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) no Brasil, foi uma oportunidade para discutir a necessidade urgente de transformar o sistema agroalimentar. “Sabemos que é possível e necessária a agropecuária sustentável de baixa emissão de gases, mas precisamos ir além. Com um sistema agroalimentar também sustentável, poderemos oferecer variedade de alimentos a preço acessível.” Segundo ele, abastecidas, as pessoas não passarão fome, e menos alimentos serão desperdiçados. Esse modelo oferece segurança alimentar à população e às gerações futuras com bases econômicas, sociais e ambientais. É importante frisar que essa transformação se tornou mais urgente com o impacto da covid-19 sobre a segurança alimentar do mundo.

Um relatório da ONU aponta que o estado de fome piorou em 2020. Com a crise econômica, a renda familiar caiu, e os preços dos alimentos subiram. Muitas pessoas tiveram de rebaixar a qualidade nutricional. Na América Latina e no Caribe, 11,3 milhões de pessoas não conseguem mais pagar uma alimentação saudável. Como predomina a população que vive em grandes cidades, cabe ajustar o equilíbrio entre o urbano e o rural. Isso significa organizar sistemas agroalimentares de produção curtos, de baixa pegada de carbono e com identidade territorial.

Juntam-se a isso a cultura da agricultura familiar e a agregação de valor das atividades rurais. Ambas ajudam a gerar estabilidade para o desenvolvimento local. Esse contexto envolve a migração para os núcleos urbanos e a vida nas zonas rurais, sendo importante a conexão com a internet para aumentar a inclusão digital, o acesso à informação e a melhoria de vida.

Com uma estrutura institucional robusta, o Brasil pode reforçar os esquemas de governança para uma alimentação saudável das famílias. O pós-pandemia será um contexto para avaliar as experiências geradas e realizadas, tendo em vista as que funcionaram bem e as que devem mudar.

Como exemplo bem-sucedido, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) se tornou referência no mundo. A distribuição de alimentos nas escolas promove a inclusão social, com a participação dos pais, enquanto a resiliência das comunidades fortalece a estabilidade do abastecimento. Para as mulheres, o preparo de alimentos representa geração de empregos.

Zavala disse, ainda, no seu depoimento, que a FAO busca atuar em estreita colaboração com os países na agricultura, na silvicultura e na pesca. As mudanças baseadas nas inovações tecnológicas e institucionais serão fontes para o crescimento econômico renovável. Para estimular isso, a FAO estabeleceu critérios para escolher os melhores casos de quatro marcos estratégicos quanto a produção, nutrição, ambiente e qualidade de vida.

## SEM PERDER TEMPO, O BRASIL FEZ PROGRESSO

Diplomata de carreira e conselheiro emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Marcos Azambuja destacou que associamos a comemoração do Dia Mundial da Alimentação ao Brasil porque o país se tornou um dos grandes produtores mundiais de alimentos. Essa é uma das áreas nas quais o país não perdeu tempo e fez progresso. Devemos muito a personalidades como Alysson Paolinelli, Marcus Pratini de Moraes, Roberto Rodrigues e Tereza Cristina. Assim, a produção nacional de alimentos transformou-se numa grande potência. “Somos um dos poucos países do mundo que não só se abastece, como também atende uma grande parte da humanidade. Fazemos isso com grande talento. Temos de associar cada vez mais a dinâmica do agronegócio com produtividade e meio ambiente. O Brasil não pode ser negligente, porque os ganhos acumulados se dissipam na ideia de que o país faz alimentos com sacrifício do meio ambiente. Temos de cuidar com harmonia das duas partes”, disse o diplomata.

Azambuja lembrou ainda que as datas mundiais dos alimentos e da proteção do meio ambiente são duas causas em igualdade. “Chegaremos ao *status* de potência agroambiental dos nossos sonhos. A produção de alimentos tem sido um dos nossos principais motores, de modo que, ao comemorar esse dia e reconhecer e exaltar o trabalho ambiental, o Brasil continuará nesse caminho profícuo. Ao felicitar os condutores da agricultura brasileira, lembramos o serviço da diplomacia em favor dessa boa causa. Continuaremos juntos: o Brasil é grande e merece o nosso esforço”, reforçou ele.



# BRASIL SEM FOME



O presidente do Conselho Diretor da ABAG, Marcello Brito, questionou por que não chamar o Dia Mundial da Alimentação de Dia da Nutrição, considerando estes dois desafios: de um lado, a fome, pelo não acesso à comida; e, de outro, as doenças, devido a uma alimentação não balanceada. “No Brasil, orgulhamo-nos de ser o quarto maior produtor e o terceiro maior exportador de alimentos do mundo. Alimentos sobram, mas 28 milhões de pessoas aqui passam fome. Para a resposta de como podemos ser uma potência agroambiental com gente em estado de fome e pobreza, precisamos lançar um olhar de cidadania sobre esse problema terrível”, lembrou Brito.

A pandemia trouxe desafios nas questões dos três Ss – saúde, sanidade e sustentabilidade –, com a condição de o Brasil ser um bom líder em todos eles. Como podemos traçar uma melhor distribuição de renda com acesso à educação e alimentação? Essa foi a pergunta que ficou do debate.

[Você pode assistir à live completa acessando o link  
www.youtube.com/ABAGBR](https://www.youtube.com/ABAGBR)

# LANÇAMENTO DO PAM AGRO 2021-2023

A fim de promover a imagem do agronegócio brasileiro no exterior, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) lançou o segundo ciclo do Programa de Acesso a Mercados do Agronegócio Brasileiro (PAM AGRO). A ação foi oficializada em setembro de 2021 e será executada nos próximos dois anos.

De acordo com a Apex-Brasil, o objetivo do PAM AGRO 2021-2023 é impulsionar as exportações a partir da melhoria da percepção de mercados internacionais estratégicos sobre os produtos do agronegócio brasileiro, por meio de um esforço concentrado de produção e disseminação de informações que destaquem a sustentabilidade, a segurança e a tecnologia dos produtos. Segundo a Agência, o foco desta edição é o continente europeu, considerado um grande influenciador da opinião pública internacional e um dos principais destinos das exportações do Brasil.

Vale ressaltar que também estiveram presentes o ministro das Relações Exteriores, Carlos França, e o secretário-executivo e ministro interino da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Marcos Montes, além de representantes das instituições do setor privado que integram a iniciativa e parlamentares.



*Márcio Rodrigues, Gerente de Agronegócios da Apex-Brasil conduziu o lançamento do PAM-AGRO*

Quatorze entidades setoriais estão trabalhando em conjunto com a Apex-Brasil na implementação do Programa: Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (ABRAFRUTAS), Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (ABRAPA), Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (APROBIO), Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), CropLife Brasil, Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), e União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA).

# **RENOVAÇÃO DO CONVÊNIO ICMS Nº100/1997 ATÉ O FINAL DE 2025 CONTRIBUI PARA O CRESCIMENTO E A COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO**

O agronegócio nacional é essencial para a vida e a saúde das pessoas, ao fornecer alimentos de alta qualidade, e vital para economia e para a geração de empregos e renda no país. O setor, mesmo diante da pandemia, se manteve em pleno funcionamento, cumprindo seu papel para com a sociedade brasileira e com o mundo.

Contudo a elevada carga tributária, a falta de infraestrutura para escoamento de safra, a dificuldade de obter financiamentos competitivos e os altos custos operacionais com fornecedores são desafios enfrentados diariamente pela cadeia produtiva, dificultando maior pujança, crescimento e competitividade do setor.

Por esse motivo, a prorrogação do Convênio ICMS nº 100/1997 até o final de 2025 configura um importante instrumento para minimizar esses efeitos, ao desonerar diversos insumos essenciais utilizados na cadeia do agronegócio, resultando, desse modo, em fornecimento de alimentos a um preço acessível à população brasileira e em maior competitividade frente aos concorrentes internacionais.

A única alteração ficou por conta da alíquota aplicada a fertilizantes, cujo percentual passará a ser de 1%, com previsão de escalonamento do valor até 4%, em 2025. Os efeitos desse aumento serão percebidos apenas em 2022, quando terá início a vigência desse reajuste.

É importante ressaltar que a decisão do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz) é uma medida que contribui não apenas para a manutenção de um ambiente de negócios estável na cadeia, mas também traz segurança a mais de 1,1 milhão de pessoas que diretamente extraem seu sustento das atividades agropecuárias. Acima de tudo, auxilia na vocação do agro nacional de levar produtos de qualidade à mesa do brasileiro e do mundo, fortalecendo a saúde das pessoas e preservando a vida.



# FÓRUM MUNDIAL DE BIOECONOMIA

Evento aconteceu em Belém, pela primeira vez fora da Finlândia, e contou com a parceria da ABAG, IBÁ e Governo do Estado do Pará.



José Carlos da Fonseca, diretor executivo da Ibá; Marcello Brito, presidente da ABAG; Mauro O' de Almeida, Secretário de Estado na Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará e Jukka Kantola, presidente do Fórum Mundial de Bioeconomia

A terceira edição do Fórum Mundial de Bioeconomia aconteceu em Belém, capital do Pará, de 18 a 20 de outubro de 2021. Foi a primeira vez que este importante evento aconteceu fora da Finlândia, o que só foi possível graças ao empenho do Governo do Estado do Pará, da ABAG e da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), que foram parceiros da iniciativa.

O Fórum forneceu uma ampla plataforma para um debate aberto, multifacetado e pragmático sobre a bioeconomia. Isso foi possibilitado pela participação de um grupo diversificado de palestrantes, incluindo funcionários do governo, especialistas, acadêmicos, empresários, banqueiros, cientistas e jornalistas de todo o mundo, além de representantes da sociedade civil, povos indígenas e comunidades locais da Região Amazônica.

As discussões realizadas em Belém destacaram que o multilateralismo é uma ferramenta política essencial para fomentar o diálogo e a cooperação entre estados e *stakeholders* para traçar estratégias para enfrentar os desafios atuais, a partir da expansão do conhecimento e dos avanços da pesquisa científica. Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento, tanto públicos quanto privados, são essenciais para potencializar a sustentabilidade, harmonizar as ações humanas e as necessidades da natureza.

Este é um momento crucial para a humanidade. A disseminação da covid-19, em 2020 e 2021, já tirou mais de 4,5 milhões de vidas em todo o mundo (mais de 600 mil só no Brasil).

A pandemia também destacou as vulnerabilidades trazidas pelo impacto das atividades humanas incorporadas nas mudanças climáticas, no desmatamento, na perda da biodiversidade e na ampliação da desigualdade, entre outros desafios globais urgentes. A covid-19 agravou ainda mais os desequilíbrios financeiros globais, o desemprego, a fome, a falta de serviços médicos e recursos, particularmente nos países em desenvolvimento.

Mesmo que haja uma redução drástica das emissões de gases de efeito estufa (GEE) num futuro próximo, as consequências do aumento das concentrações na atmosfera serão sentidas nas próximas décadas com eventos meteorológicos extremos, incêndios florestais, inundações recorrentes, aumento do nível do mar e perda de biodiversidade.

Mudar padrões insustentáveis de produção e consumo, aumentar a solidariedade e a cooperação internacional são, portanto, tarefas urgentes. A degradação dos ecossistemas provou que os recursos naturais são finitos. Além disso, o desmatamento é uma das principais razões para zoonoses levarem a doenças pandêmicas. Junto com medidas consistentes de mitigação e adaptação às consequências das mudanças climáticas, serão necessários arranjos financeiros inovadores e eficazes e uma cooperação tecnológica aprimorada envolvendo governos, investidores, conservacionistas, povos indígenas, comunidades locais e acadêmicos.



Na cerimônia de abertura do Fórum, o governador do Estado do Pará, Helder Barbalho, destacou a importância de sediar o evento na Região Amazônica. Ele chamou a atenção para a participação de pessoas com diferentes origens, como povos indígenas e comunidades tradicionais. Isso deve contribuir para iniciativas e ações que visam tornar a bioeconomia uma nova ferramenta para o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Ele lembrou que o Brasil é um ator-chave nas agendas globais de clima e biodiversidade e se referiu à atenção mundial para a Região.

O fundador e presidente do Fórum, Jukka Kantola, expressou sua gratidão ao Estado do Pará por sediar o evento e a todos que contribuíram para que essa edição ocorresse na Amazônia. Ele lembrou que não há ninguém que se encaixe em toda a bioeconomia – em vez disso, há múltiplas bioeconomias baseadas em suas próprias forças.

“A mensagem do Fórum é que a bioeconomia é um processo que engloba muitas perspectivas. A bioeconomia é mais do que um setor econômico. Sintetiza um conjunto de valores normativos éticos sobre a relação entre sociedade e natureza e suas consequências. Deve respeitar as diferentes circunstâncias sociais e econômicas dos países e regiões”, disse Marcello Brito, presidente da ABAG.

Ele acrescentou ainda que a bioeconomia está intimamente associada aos esforços de combate às mudanças climáticas, que já são uma força motriz para o futuro da economia mundial. O momento para discutir essas questões é muito oportuno, pois as indústrias de cosméticos, do agro e de processamento de alimentos do Brasil já se unem com grande sucesso à essa bioeconomia das florestas.

“A realização no Brasil do Fórum Mundial de Bioeconomia demonstra o comprometimento e o potencial do setor nacional de árvores cultivadas e para o Brasil da economia verde, evidenciando que estamos atentos à nova mentalidade de um consumidor consciente e preocupado com a sustentabilidade, com a sanidade do que consome e com sua própria saúde. Em uma palavra: preocupado com o futuro do mundo”, disse Paulo Hartung, presidente da IBÁ.

A agenda do Fórum foi composta por quatro eixos temáticos:

- A Bioeconomia: Pessoas, Políticas do Planeta
- Líderes globais e o mundo financeiro
- Bioprodutos ao nosso redor
- Olhando para o futuro

Os serviços ambientais prestados pelas florestas devem ser adequadamente pagos com melhor acesso ao mercado de produtos florestais.

Nesse sentido, o compartilhamento de benefícios pode ser visto como um incentivo na proteção das florestas. A bioeconomia pode fornecer ferramentas e respostas aos desafios acima, bem como aumentar a proteção dos ecossistemas críticos, tendo em vista os riscos colocados a segurança alimentar, serviços ambientais e diversos biomas, com impacto no emprego e no bem-estar das pessoas.





abaq

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DO AGRONEGÓCIO



# COMITÊS TEMÁTICOS

# COMITÊS TEMÁTICOS

Os Comitês da ABAG são espaços de discussão de ideias e demandas relacionadas a diferentes temas, com participação livre de seus membros e estruturas de ação ajustadas aos temas envolvidos, de acordo com as demandas geradas.

Os participantes dos comitês são profissionais de empresas/instituições associadas ou parceiras da ABAG, como líderes, gestores, empreendedores e pesquisadores que atuam em áreas relacionadas aos temas dos comitês nas diferentes cadeias agroindustriais.

Participam dos comitês *stakeholders* do mercado de insumos (fertilizantes, sementes, defensivos, máquinas), de consultorias agrícolas, *agtechs* e *startups* do agro, bancos e instituições financeiras, escritórios de advocacia, *traders*, da indústria e do mercado de consumo, além de agentes públicos envolvidos e demais partes interessadas. Os membros são convidados a fazer parte diretamente pela ABAG ou pelo coordenador do comitê, podendo também se integrar ao grupo através de convites de terceiros.

## MEMBROS



## ENCONTROS



Os encontros são definidos pelo coordenador, de acordo com a disponibilidade dos membros, pautas e demandas. A periodicidade pode ser mensal, bimestral, trimestral ou ainda semestral. Os encontros podem ser realizados de maneira remota, via videoconferência, em formato híbrido ou presencial, podendo ser feito na sede da ABAG ou em algum lugar previamente acordado.

A duração recomendada é de até 90 minutos para cobrir toda a agenda, que pode ser definida apenas por ações e decisões estratégicas do comitê. Agentes externos podem ser convidados para apresentar e debater assuntos de interesse do comitê.

## DELIBERAÇÕES



Os encontros podem gerar encaminhamentos de acordo com o tema apresentado na agenda. Os objetivos podem ser simplesmente a elucidação do assunto e o debate de ideias, como também podem gerar posicionamentos setoriais, demandas por *advocacies* para diferentes projetos e políticas públicas, pesquisas, apoios em eventos, grupos de trabalho e demais deliberações que forem identificadas.

# COMITÊS

**Assuntos Jurídicos**

**Comunicação e Imagem**

**Gente & Gestão**

**Financeiro e Tributário**

**Insumos, máquinas e implementos**

**Inovação**

**Sustentabilidade e Bioeconomia**

**Relações Internacionais**

**Logística e Infraestrutura**

**[MAIS INFORMAÇÕES: ABAG.COM.BR/COMITE-GESTAO-ABAG-2019-2021/](https://abag.com.br/comite-gestao-abag-2019-2021/)**

# COMITÊ DE SUSTENTABILIDADE E BIOECONOMIA DEBATEU DESDOBRAMENTOS DA COP26 PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA AGROAMBIENTAL

*Grupo trouxe sua avaliação sobre o evento global, ressaltando a participação dos entes privados, da sociedade civil e do governo brasileiro.*

O Comitê de Sustentabilidade e Bioeconomia da ABAG tem trabalhado ativamente para a construção de uma agenda que reúna o agronegócio e o meio ambiente, de forma a materializar o potencial brasileiro na área agroambiental.

Durante a última reunião do Comitê em 2021, Marcello Brito, presidente do Conselho Diretor da ABAG, comentou o comprometimento dos entes privados, da sociedade civil organizada e do governo brasileiro no que tange à redução das mudanças climáticas na COP26 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021). “O setor privado foi em peso ao evento para agir, pois as questões do clima não andam bem. Vimos a união das empresas com a sociedade civil. No caso do Brasil, sua postura foi surpreendente.”

Contudo o país tem ainda um processo longo para restabelecer sua integridade, na avaliação de Brito, pois os números brasileiros sobre o desmatamento ilegal continuam a subir e são divulgados com atraso, gerando um problema de confiança. “A transparência só poderá ser atingida quando os critérios de integridade e confiabilidade forem preenchidos”, pontuou.

Na sequência, Laura Lamonica, coordenadora de Relações Institucionais da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, avaliou que a participação dos diferentes setores da sociedade foi marcante na COP26, o que incluiu a maior presença de coletivos pelo clima, de entidades, de povos indígenas, de quilombolas e da juventude, além dos CEOs de empresas e tomadores de decisão.

A seu ver, essa participação é decisiva para a maior qualificação dos debates. “São os diferentes setores da sociedade que estão criando um espaço para o diálogo, para a convergência de ideias, para a conversão de consensos, levando essas propostas para os tomadores de decisão contribuírem, influenciarem e fazerem pressão no ente público”, disse Laura. Acrescentou que essas vozes precisam ser ouvidas, participando das decisões globais, uma vez que os impactos das mudanças climáticas são diferentes para cada região e população.

Como exemplo, ela citou as comunidades florestais, que são as que menos contribuem para o impacto do aquecimento global, mas são aquelas que mais sentem seus efeitos.

Logo após, Eduardo Bastos, líder do Comitê de Sustentabilidade e Bioeconomia da ABAG, trouxe sua visão da participação do setor privado na COP26. Para ele, essa área já abraçou as metas do Acordo de Paris. “Acompanho essa conferência há algum tempo e nunca vi tantos CEOs reunidos nesse debate”, lembrou. Atualmente, mais de 4 mil companhias assumiram compromissos para neutralizar suas emissões de carbono. “Se somarmos empresas e governos, saímos de menos de 20% do mundo para cerca de 30%. É positivo, porém só atingiremos as metas globais com uma quantidade expressivamente maior”, salientou.

Na análise de Bastos, o setor privado já entendeu a relevância de seu papel nessa discussão. “Os CEOs entenderam que não é uma questão regulatória, mas que existe um fator econômico, pois se a empresa não tiver uma agenda ESG ou trabalhar para mitigar suas emissões, não haverá financiamento”, destacou. Isso porque, durante o evento, mais de US\$ 400 bilhões foram prometidos por governos para serem investidos em ações destinadas a alcançar o Acordo de Paris. E o Brasil teria a chance de abocanhar cerca de 20% desse montante.

Sobre o mercado do carbono, Bastos enfatizou que a janela de oportunidade é agora, porque, após 2030, esse setor será algo comum devido aos esforços de países e das empresas para reduzir a pegada de carbono até essa data. “Temos 10 anos para aproveitar esse negócio. Depois desse ano, vamos agregar outras ideias em outros segmentos, mas o futuro está nos serviços ambientais e ecossistêmicos. E o Brasil tem muitos potenciais, como a água e a biodiversidade.”

# AÇÕES REALIZADAS DURANTE O ANO

Ao longo do ano, os comitês se reuniram diversas vezes para debater e encaminhar as pautas de maior relevância ao agronegócio brasileiro. Com a participação de profissionais líderes em suas áreas de atuação, foram tratados assuntos como o cenário atual e as expectativas da reforma tributária e suas consequências, a aprovação da lei de pagamentos por serviços ambientais, o risco de revogação do Convênio 100 e as consequências ao mercado de insumos, a situação da diversidade e da inclusão no mercado, o lançamento do Plano ABC+ pelo governo, além da disseminação de novas tecnologias como a inteligência artificial e o *blockchain* e suas contribuições para o agro brasileiro.

Os Comitês também contribuíram com pesquisas realizadas no setor para identificação de gargalos da legislação atual, da percepção dos investimentos do mercado de carbono, e na divulgação de resultados de diversos levantamentos feitos por parceiros da Entidade. Foram realizadas contribuições em consultas públicas realizadas por órgãos do governo, curadoria e indicações para eventos, além da realização do evento de comemoração ao Dia Mundial da Alimentação. Os debates trouxeram informações e esclarecimentos sobre os assuntos de maior relevância à dinâmica das cadeias agroindustriais, com atualização de dados e posicionamentos, feitos a partir da ciência, da sustentabilidade e da inovação. Os encaminhamentos e iniciativas realizadas a partir dos encontros resultaram em contribuições efetivas para diferentes assuntos do setor.

11

## REUNIÕES

CONSELHO DIRETOR COM A PARTICIPAÇÃO DA  
CONSULTORIA ECONÔMICA DA MB ASSOCIADOS

30

## REUNIÕES

COMITÊS TEMÁTICOS

18

## REUNIÕES

COALIZÃO BRASIL, CLIMA, FLORESTAS E AGRICULTURA

8

## REUNIÕES DO GPS

GRUPO DOS PAÍSES PRODUTORES DO SUL (AS REUNIÕES  
ACONTECERAM NO BRASIL, NA ARGENTINA E NO PARAGUAI)



## RODA VIVA

### MARCELLO BRITO FALOU SOBRE AGENDA AGROAMBIENTAL, GOVERNANÇA PÚBLICA E AGRONEGÓCIO



Abraçar a agenda agroambiental, com base na ciência e no uso de modernas tecnologias, possibilita ao Brasil ter um panorama de futuro para a construção de um caminho sustentável em termos sociais, ambientais e econômicos. “Essa visão nos dá o direito de ir muito além do próximo ano (eleitoral). Podemos percorrer o rumo que queremos para o Brasil até 2040 ou 2050”, afirmou o presidente Marcello Brito, no programa *Roda Viva*, da *TV Cultura*, exibido no dia 30 de agosto em rede nacional.

O programa de entrevistas, um dos mais tradicionais da TV brasileira, foi apresentado por Vera Magalhães e contou com renomados jornalistas na bancada: Cassiano Ribeiro, editor-chefe da revista *Globo Rural* e comentarista da rádio *CBN*; Fernando Lopes, editor de agronegócios no jornal *Valor Econômico*; Gustavo Porto, do Broadcast Político do *Estadão*; Mauro Zafalon, da *Folha de S. Paulo*; e Nayara Figueiredo, da agência de notícias *Reuters*.

Durante o programa, Brito falou que o potencial agroambiental está ligado diretamente à conservação dos biomas brasileiros, especialmente no combate ao desmatamento ilegal, às queimadas e à ocupação criminosa que acontecem na Amazônia. “Desde 2012, vemos um crescimento no platô dessas ações ilícitas que ocorrem nesse importante bioma. Isso mostra que não estamos dando a devida atenção nem fazendo a coisa certa com a Amazônia. É preciso cumprir a lei e oferecer o tratamento digno a ela.”

Em sua avaliação, o Brasil tem expertise para reverter essa situação. Mas é importante compreender, aceitar e analisar os riscos climáticos e, portanto, seguir o que a ciência está dizendo. “O relatório do IPCC comprovou as previsões feitas há 10 e 15 anos. Por isso, a ciência é fundamental ao trazer os deveres em relação ao meio ambiente. E, hoje, quem ouve suas diretrizes está se dando muito bem.”

Brito comentou o potencial da Amazônia e de outros biomas para oferecer um desenvolvimento social e econômico para a sociedade local e para o país. “O Brasil tem algo especial, sua sociodiversidade, que permite fazer mais do que a bioeconomia tradicional, que é aplicada em setores consolidados, como o papel e celulose. Nossa nação pode adicionar a palavra circular à bioeconomia”, disse. Para exemplificar, ele trouxe o caso do açaí, cujo caroço pode causar danos ambientais. Mas há estudos que mostram que parte dele pode ser transformada em resina para substituir uma série de produtos, inclusive o plástico. “É uma grande oportunidade de implantar e trabalhar novos modelos bioeconômicos”, acrescentou.

O Brasil vem perdendo oportunidades, uma vez que o país representa apenas 0,2% do mercado de produtos advindos de florestas tropicais, cujo montante está estimado em US\$ 280 bilhões. “Países como a Bolívia, Vietnã e Indonésia, por exemplo, estão na nossa frente”, pontuou. A seu ver, essa constatação mostra que as políticas públicas de desenvolvimento não contemplaram a Amazônia. “Precisamos mudar urgentemente essa situação. Há investimentos para esse tipo de trabalho, mas a questão da insegurança jurídica decorrente da falta de governança pública é um entrave”, disse ele.

O mercado de carbono foi outro ponto tratado, já que o país tem potencial de se destacar nesse setor. Um exemplo é o programa Renovabio, que é o maior mercado de carbono relativo a combustível no mundo. Para Brito, é preciso ter um mercado regulado, mas existe uma parte do governo que enxerga a possibilidade de ter um mercado voluntário, o que não seria o ideal para o país.





# MERCADO DO AGRO, POSICIONAMENTO E REFORMAS

Durante sua participação no *Roda Viva*, o presidente do Conselho Diretor da ABAG trouxe análises sobre pontos polêmicos no Legislativo e Judiciário e mostrou que o agronegócio é formado por situações distintas.

“Temos centenas de faces no agronegócio. De um lado estão os produtos que estão no topo da cadeia, e de outro vemos mais de 4 milhões de produtores que possuem entre 1 a 50 hectares de terra. São composições bem distintas. Desse modo, o governo precisa ajudar esse lado que não possui acesso à tecnologia ou a financiamento privado, a fim de dar desenvolvimento a eles e não aumentar o fosso da disparidade social”, explicou Brito.

Brito afirmou, ainda, que a participação das mulheres no setor tem trazido muitas contribuições relevantes e que elas estão transformando muitas empresas. Sobre a divergência de opiniões no setor, ele comentou que, de 6 milhões de propriedades rurais brasileiras, apenas 1% tem atuado de forma contrária à preservação ambiental do agro, sendo responsável pela maior parte do desmatamento que ocorre. Ou seja, 99% estão de acordo com a lei. Questionado sobre onde está a maioria, ele respondeu que a cada dia surge uma voz nova, pois nem todos sobem ou descem do barco ao mesmo tempo.

Para combater a criminalidade no agro, ele ressaltou a importância da implantação total do Código Florestal, o que significa acelerar a validação do Cadastro Ambiental Rural (CAR). “Em três anos, podemos ter boa parte do CAR validado no Brasil, segundo os esforços que têm sido feitos pelo Ministério da Agricultura para dar maior agilidade ao processo. O caminho está correto, mas infelizmente a velocidade ainda não está como esperávamos.” Para ele, o Código Florestal permite dar um salto e eliminar o desmatamento ilegal, uma vez que a lei significa transparência, objetividade e garantia de segurança ambiental, social e espacial.

Sobre questões polêmicas no Judiciário e no Legislativo, Brito avaliou a importância do processo de regularização fundiária para trazer justiça e inserção social, combater a criminalidade e promover o crescimento econômico. Além disso, ele disse que o resultado do julgamento do Marco Temporal no Supremo vai provocar “justiçados” e “injustiçados”. “É um processo muito difícil por colocar coisas diferentes no mesmo julgamento, como comunidades indígenas que viraram praticamente uma cidade e outras que estão sendo invadidas por criminosos.” Por fim, ele afirmou que a rejeição do Marco Temporal não trará impacto negativo algum para o agronegócio.

# PRESENÇA NA MÍDIA

Inserções na Imprensa  
**2.720**



Seguidores em redes sociais

**39.581**



**5.883**



**17.785**



**12.218**



**14.695**

# O QUE VEM POR AÍ

## NOVO MANDATO CAIO CARVALHO RETORNA À PRESIDÊNCIA DA ABAG EM 2022



A partir de janeiro de 2022, a ABAG conta com uma nova diretoria e passa a ser presidida por Luiz Carlos Corrêa Carvalho, Caio Carvalho como é conhecido, que já comandou a entidade entre 2012 e 2018.

Engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Carvalho possui cursos de pós-graduação em Agronomia e em Administração pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e na Vanderbilt University (EUA).

Desde 1983, atua como diretor da Canaplan, empresa de consultoria e projetos para o setor sucroenergético. Com grande conhecimento do setor de açúcar e álcool, Carvalho é sócio da Bioagência, empresa comercializadora de etanol nos mercados interno e externo.

Caio Carvalho continuará o processo de modernização da ABAG e trabalhará arduamente em defesa da reputação do agro brasileiro nos mercados interno e internacional. Seu mandato será de dois anos.

# CONFIRA A AGENDA DE 2022

## MARÇO

Abertura das inscrições do Prêmio Mulheres do Agro

## ABRIL

25 a 29 de abril: 29º AGRISHOW – Feira Internacional  
Tecnologia Agrícola em Ação

## AGOSTO

1º de agosto: 21ª edição do Congresso Brasileiro do Agronegócio

## OUTUBRO

26 a 27 de outubro: 7º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio  
26 a 27 de outubro: YAMI – Youth Agribusiness Movement International  
26 de outubro: 5ª edição do Prêmio Mulheres do Agro

## NOVEMBRO

Formatura da Academia de Liderança de Mulheres do Agro

# EMPRESAS ASSOCIADAS

AGCO do Brasil Soluções Agrícolas Ltda.  
Agrocere Multimix Nutrição Animal Ltda.  
Agrometrika Informática e Serviços de Gestão de Crédito Ltda.  
Agropalma S/A  
Algar S.A. Empreendimentos e Participações  
Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia em Nutrição Vegetal - ABISOLO  
Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas - ABIEC  
Associação Brasileira de Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP  
Associação Brasileira de Estudos das Abelhas - Abelha  
Associação Brasileira de Produtores de Óleo de Palma - ABRAPALMA  
Associação dos Estab. com Serviço de Inspeção do Est. São Paulo - ASSESIPE  
Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos - ANIP  
B3 S/A - Brasil, Bolsa, Balcão  
Banco Cooperativo Sicredi S/A  
Banco do Brasil S/A  
Banco Itaú BBA S/A  
Banco Rabobank International Brasil S/A  
Banco Santander S/A  
Bartira Agropecuária S/A  
BASF S/A  
Bayer S/A  
Belem Bioenergia Brasil  
BMA Advogados  
BMTCA Ativos Ambientais S/A  
Brasilagro Companhia Brasileira de Propriedades Agrícolas  
Caep Brasil Education & Travel Ltda.  
Cargill Agrícola S/A  
Ceres Consultoria S/C Ltda.  
CHS do Brasil Grãos e Fertilizantes Ltda.  
CNH Industrial Brasil Ltda.  
Companhia de Tecidos Norte de Minas – COTEMINAS  
Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé Ltda – COOXUPÉ  
Coopersucar S/A  
Corteva Agriscience

Cosan S/A  
CropLife Brasil  
Dannemann Siemsen Advogados  
Demarest & Almeida Advogados  
Elanco Saúde Animal Ltda.  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA  
Ernst & Young Assessoria Empresarial Ltda  
FMC Química do Brasil Ltda.  
Gaia Agro Securitizadora S/A  
Hub Consultores em Recursos Humanos Ltda.  
Indústria Brasileira de Árvores – IBÁ  
Innovatech Negócios Florestais S/S Ltda.  
Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias – InpEV  
IP Desenvolvimento Empresarial e Institucional  
JBS S/A  
John Deere Brasil S/A  
LabWare Brasil Serviços de Informática Ltda.  
Máquinas Agrícolas Jacto S/A  
Masterfoods Brasil Alimentos LTDA - Mars  
Petcare  
Michelin América do Sul  
Mosaic Fertilizantes P&K  
O Telhar Agropecuária Ltda.  
Philip Morris Brasil Indústria e Comércio Ltda.  
Raízen Energia  
SAE Brasil  
Santos Neto Advogados  
Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal – SINDIVEG  
SLC Agrícola S/A  
Sociedade de Advogados Lima Junior Domene e Advogados Associados  
Sollus Gestora de Terras Ltda.  
Syngenta Proteção de Cultivos Ltda.  
Tereos Internacional  
Tozzini, Freire, Teixeira e Silva Advogados  
Trench, Rossi e Watanabe Advogados  
Usina Alto Alegre S/A – Açúcar e Álcool  
Usinas Itamarati S/A  
Vaz, Buranello, Shingaki e Oioli Advogados  
Yara Brasil Fertilizantes S/A  
Zilor Energia e Alimentos



## PRESIDÊNCIA

### Presidente

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio Carvalho)

## VICE-PRESIDENTES

Christian Lohbauer

Ingo Plöger

Liegé Vergili Nogueira

Marcelo Araújo Ribeiral

Pedro Estevão Bastos de Oliveira

Renato Macedo Buranello

## DIRETORES

Alexandre Bernardes de Miranda

Carlos Aguiar Neto

Carlos Augusto Rodrigues de Melo

Claudio Borges T. Gaspar Oliveira

Diogo Suzigan Dragone

Eduardo Brito Bastos

Fabiana Purri Ferreira Alves

Fabiana Salgueiro Perobelli

Francisco Matturro

Gianfranco Cinelli

Henrique Americano de Freitas

João Comério

Luís Roberto Pogetti

Mônika Bergamaschi

Rodrigo Simonato

Sheila Guebara de Souza

# EQUIPE

## Relatório de Atividades 2021

**Eduardo Daher**  
Diretor-Executivo

**Gislaine Balbinot**  
Gerente de Comunicação - MTB065/MS

**Beatriz Leal**  
Assistente de Comunicação e Marketing

**Lucas Henrique Ribeiro**  
Gerente de Sustentabilidade

**Emilia Dualibi Santos**  
Coordenadora Administrativa e Financeira

**Mariana Araújo**  
Assistente Administrativa

**Beatriz Leal**  
Diagramação

**Abgail Cardoso e Maria Inês Caravaggi**  
Revisão Ortográfica

**Dprint Impressão Digital e Offset Ltda.**  
Impressão gráfica

**Acesse nossos canais:**  
[www.abag.com.br](http://www.abag.com.br)

**Facebook** [ABAGBRASIL](https://www.facebook.com/ABAGBRASIL)

**Twitter** [@Abag\\_Brasil](https://twitter.com/Abag_Brasil)

**Instagram** [abag\\_br](https://www.instagram.com/abag_br)

**LinkedIn** [Associação Brasileira do Agronegócio \(Abag\)](https://www.linkedin.com/company/Associação%20Brasileira%20do%20Agronegócio%20(Abag))



**2021**